



Violência e ataques às Escolas no Brasil: como chegamos a este ponto e como podemos sair dele?

Violence and attacks on schools in Brazil: how did we get to this point and how can we get out of it?



Júlio Xandro Heck¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1218-9288>  <http://lattes.cnpq.br/6251871421940183>

Prezadas/os leitoras/es,

Nutrindo o ódio de certas categorias da população contra outras, percebidas como ameaças para suas próprias situações e eventuais “vantagens”, ela volta o “povo” contra ele mesmo, divide-o e decompõe-no em comunidades de identidades inconciliáveis. (DARDOT *et al.*, 2021, p.224).

O Brasil (e o brasileiro) possui uma certa vocação histórica a copiar as “coisas” que acontecem nos Estados Unidos, sempre com um certo intervalo de tempo entre o acontecido lá e a sua chegada cá. Isso vale para as coisas das mais variadas: tecnologias, tratamentos estéticos, dietas milagrosas, movimentos antivacina, moda e tendências, entre outros. E não foi diferente com a série de ataques e ameaças de ações violentas às Escolas brasileiras, eventos praticamente inexistentes por aqui e que recentemente passaram a assustar e preocupar as autoridades e as famílias brasileiras. O que nos Estados Unidos eram episódios tristes e, de certa forma, regulares, para nós eram fatos que acompanhávamos pelo noticiário como algo distante da nossa realidade. No entanto, não é mais assim, infelizmente!

Em tempo: o uso da palavra “Escola”, neste texto, contempla todos os tipos de instituição de ensino, desde creches e escolas de ensino fundamental até universidades e Institutos Federais; sejam elas públicas ou privadas.

Alguns destes episódios lamentáveis ocorridos no Brasil recentemente — praticados, em sua maioria, por jovens — levaram professores, adolescentes, crianças e até bebês à morte. Para além disso, deixaram um rastro de terror, pânico e medo como sequelas indelévels não apenas nos locais onde aconteceram, mas em toda sociedade brasileira. Há

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, Campus Porto Alegre/RS – Brasil. E-mail: julio@poa.ifrs.edu



ainda que se considerar mais um aspecto agravante neste tipo de ação violenta: elas não partem necessariamente de pessoas externas às instituições. Inclusive, na maioria dos episódios acontecidos mundo afora, os responsáveis pelas ações são ou foram estudantes das respectivas instituições. Portanto, em uma primeira análise, parece pouco adiantar um reforço na vigilância e nos sistemas de segurança ou na intensificação de medidas para controle de acesso. Mais ainda, parece pouco adiantar elevar a altura dos muros ou o reforço das portas e janelas das salas de aula.

Na esteira dos tristes fatos em si — e quase ato contínuo — descobriram-se inúmeros casos de jovens que usam as suas redes sociais para apologias absurdas (nazismo, racismo, homofobia) e que passaram a fazer ameaças a Escolas em todo o território brasileiro, o que provocou reações desesperadas nas famílias e têm levado as autoridades a se debruçar na busca de estratégias de enfrentamento a tais situações.

Inegavelmente, as soluções são urgentes e importantes e não me furtarei a propor algumas (despretensiosamente). Da mesma forma, é absolutamente compreensível a apreensão que toma conta das famílias. Mas não podemos deixar de perguntar: como chegamos a este ponto e como podemos sair dele? Não tenho a intenção de responder a estas perguntas de forma definitiva e fechada, mas sim de suscitar o debate acerca das condições que nos conduziram a episódios tão violentos e lastimáveis e sobre como podemos vislumbrar outras possibilidades de futuro.

Permito-me usar e adaptar a frase histórica e sempre atual do grande Darcy Ribeiro — que dizia que "a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto" — para sintetizar de forma muito simplificada as causas do que estamos vivendo: a crise de violência e ameaças às Escolas no Brasil não é uma crise, é um projeto!

Sim, por mais duro que seja para a sociedade admitir, tudo isso é produto de incontáveis eventos, atos, ações e omissões praticados por figuras importantes e exaltados por uma parcela considerável da população brasileira nos últimos anos. Vivemos tempos onde a violência contra o diferente ou contra quem não pensa igual a nós foi normalizada e incentivada. Discursos de ódio, intolerância e preconceitos inundaram as redes sociais e se estenderam aos convívios familiares e aos ambientes escolares. A violência (física e verbal), historicamente tida como via não recomendável para solução de conflitos, passou a fazer parte das possibilidades cotidianas para resolver problemas e divergências. A apologia, o incentivo e o uso de armas aumentou enormemente no país. A eliminação do "inimigo" (por inimigo entenda-se, neste caso, aquele que pensa diferente) passou a ser aceitável e recomendável!

E também cabe aqui uma reflexão sobre o porquê são as Escolas os espaços escolhidos para que jovens e adolescentes deem vazão as suas fúrias e ódios. Parece-me simples: a Escola ainda é o grande espaço da diversidade, dos contrapontos, das frustrações, das pequenas derrotas e dos insucessos a que somos expostos pelas primeiras vezes na vida. Mas tudo isso, quando tratado de modo adequado e com devido acompanhamento pedagógico, é saudável, necessário e faz parte do papel formador e transformador que esta instituição tem e sempre teve. O fato novo é, insisto, que as reações violentas às frustrações, ao contraditório e às diferenças passaram a ser encorajadas por alguns setores da sociedade que incitam o discurso de ódio ao diferente.

Enfim, entendo que algumas considerações sobre as possíveis causas destes ataques e ameaças aos espaços escolares estejam aqui elencadas, ao menos como provocações iniciais para fomentar os debates que se avizinham. Fica evidente (espero que o leitor



perceba isso) o papel fundamental que a sociedade brasileira teve para que chegássemos neste momento triste e preocupante. Não é novo, e muito menos original, o que digo a seguir, mas a violência envolvendo Escolas parece-me ser mais um produto do nosso adoecimento social.

O que podemos fazer para combater tal violência e evitar que novos episódios aconteçam? Certamente cada leitor terá suas sugestões, que possivelmente incluirão a melhoria nos sistemas de segurança e acesso às Escolas e a necessidade urgente de cuidar da saúde mental das nossas crianças e jovens, ambas necessárias e úteis como medidas preventivas. No entanto, quero acrescentar uma solução polêmica: a responsabilização das ditas *big techs* — administradoras das redes sociais — pelo compartilhamento de conteúdos que incitam ódio e promovem a violência. Dito isso, entendo por importante ressaltar que não devemos, em hipótese alguma, subestimar o problema ou minimizar as preocupações das famílias e autoridades e que as medidas que estão sendo consideradas são válidas e importantes.

Para além do exposto, mais do que nunca será fundamental uma parceria efetiva (e afetiva) entre Escolas e famílias. À Escola cabe intensificar e trabalhar exaustivamente temas como respeito, diversidade, tolerância, contraditório, liberdade religiosa, cultura de paz e empatia. Repetir sem receio de ser cansativa, que não há problema algum em ser de direita ou de esquerda, católico ou evangélico, gostar de meninas ou de meninos. A Escola não poderá se furtar ao seu papel de acolhimento, de escuta e de exercício permanente da democracia no seu sentido amplo. Todavia, nenhuma iniciativa que fique confinada aos espaços escolares irá prosperar, sendo primordial o apoio irrestrito das famílias. Além disso, o combate às práticas de racismo, homofobia e intolerâncias de qualquer ordem é dever de cada um e de todos nós. As famílias não podem, jamais e em tempo algum, fugir à responsabilidade de educar para que as crianças sejam afetadas pelo outro, pois somos constituídos por todos aqueles que, de alguma forma, nos atravessam. Sozinhos nem Escola e nem famílias resolverão este problema grave e, de certa forma, novo. E também não é momento de apenas procurar culpados e responsáveis. Precisamos pensar nas soluções, que podem, inclusive, demorar para se efetivarem. Mas, sobretudo, Escola e famílias precisam andar juntas, par e passo, para que se construa uma sociedade onde nossas crianças e jovens não tenham ímpetos e desejos de violência e intolerância.

Por fim, proponho e faço um apelo por um grande pacto nacional de amor, respeito e tolerância nas Escolas e nas famílias. Sem isso, não há solução possível e viveremos permanente clima de medo e tensão. A paz, tão desejada nas Escolas, precisa começar fora delas!

Júlio Xandro Heck

REFERÊNCIA

DARDOT, P.; GUEGUÉN, H.; LAVAL, C.; SAUVÊTRE, P. **A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo**. São Paulo: Elefante, 2021.